

“NÃO QUERO SER DOMÉSTICA”: UMA LEITURA DE *CARTAS PARA A MINHA MÃE*

“I DON’T WANT TO BE A DOMESTIC”: A READING OF *CARTAS PARA A MINHA MÃE*



Dossiê

Literaturas africanas e afrodiáspó-
ricas: escritas emancipatórias

Organizadores:

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga



Profa. Dra. Gláucia R. Gonçalves



Profa. Dra. Fernanda Guida



Profa. Dra. Elena Brugioni



v. 32, n. 61, maio, 2023
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 27/09/2022

Aprovado em: 14/05/2023

Distribuído sob



Isis Milreu

imilreu@gmail.com

Doutora em Letras pela UNESP-Assis/Professora de Literaturas Hispânicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE).

Rummenigge Silva do Nascimento

rummenigge6184@gmail.com

Graduado em Letras Português pela UPE/Especialista em educação pela UNO-PAR/Docente de língua portuguesa em escola municipal pública e mestrando pelo PPGLE – UFCG.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente estudo objetiva examinar a caracterização da protagonista de *Cartas para a minha mãe* (1997), da escritora afro-cubana Teresa Cárdenas, uma garota negra órfã que (re) descobre sua negritude. Justificamos a realização dessa investigação pelo potencial emancipador da referida narrativa que problematiza o racismo por meio da visão de uma jovem afrodescendente. Entre os nossos referenciais teóricos encontram-se González (1984; 1988), Evaristo (2005; 2020), Almeida (2018), Munanga (2020).

Negritude, racismo, literatura de autoria feminina afro-latino-americana contemporânea, Teresa Cárdenas, *Cartas para a minha mãe*

This article aims to examine the characterization of the protagonist of *Cartas para a minha mãe* (1997), by the Afro-Cuban writer Teresa Cárdenas, an orphan black girl who (re) discovers her blackness. We justify this investigation by the emancipatory potential of the aforementioned narrative that problematizes racism through the perspective of an afrodescendant young lady. Among our theoretical references are González (1984; 1988), Evaristo (2005; 2020), Almeida (2018), Munanga (2020).

Negritude, racism, contemporary Afro-Latin American female literature, Teresa Cárdenas, *Cartas para a minha mãe*

Introdução

Cartas para a minha mãe (1997), de Teresa Cárdenas, versa sobre a trajetória de uma garota negra, abrangendo sua passagem da infância para a adolescência. Nesta ficção, a mãe da protagonista falece quando ela tinha dez anos. Como não sabe quem é o seu pai passa a morar na casa da tia, iniciando uma complexa convivência com os familiares. Afinal, ao invés de receber o esperado acolhimento de seus parentes devido ao seu luto, é maltratada e discriminada no novo lar. Neste contexto, ela escreve cartas para a mãe falecida a fim de enfrentar a solidão, bem como episódios racistas e de violência que permeiam o seu cotidiano. Assim, a escrita torna-se sua forma de resistência e o caminho para sua emancipação.

É importante registrar que o livro recebeu os seguintes galardões: *Prêmio David* (1997), *Premio de la Asociación Hermanos Saiz* (1997) e *Premio Nacional de la Crítica Literária* (2000). Também foi traduzido para distintos idiomas. No Brasil veio a público em 2010 pela editora Pallas, com a tradução de Eliana Aguiar. Além disso, integrou o acervo do nosso Programa Nacional do Livro e do Material Didático Literário (PNLD) em 2020, juntamente com outro romance da autora, *Perro Viejo* (2005).

Consideramos que o enredo de *Cartas para a minha mãe* é inovador por abordar temas vistos como complexos para jovens leitores, o seu público-alvo original, mas que fazem parte da vivência de muitos meninos e meninas da América Latina, a partir do ponto de vista de uma garota negra. Acreditamos que a discussão de assuntos como o racismo através da literatura pode ser uma forma produtiva de contribuir com a sonhada transformação de mentalidade e de atitudes necessárias para a construção de um mundo mais justo. Nesta perspectiva, em “Afro-cubana: identidade e memória através da escrita”, a autora postula que

A boa literatura sempre transforma mentes, espírito, a maneira de ver a vida. Um bom livro pode ensinar, orientar, moldar leitores. Todos nós podemos ser educados, instruídos pelos livros. E minha literatura tem essa mis-

são. Embora eu escreva para todas as pessoas, em primeiro lugar quero que as crianças e a juventude negra se sintam representadas por meio de minhas histórias. (CÁRDENAS, 2021, p.27)

A citação desvela o cerne do projeto escritural da autora afro-cubana, o qual está voltado para a ficcionalização de questões cruciais para os jovens negros que têm a oportunidade de se identificar com os seus personagens, dado que a caracterização da maioria dos protagonistas de suas narrativas está baseada neste grupo. Nesta ótica, entendemos que *Cartas para a minha mãe* é uma obra emancipadora, uma vez que a protagonista consegue superar a situação de opressão em que se encontra por meio da escrita de suas experiências, ou melhor, escrevivências, segundo o conceito cunhado por Conceição Evaristo (2005), descobrindo e assumindo sua negritude. Portanto, justificamos a realização deste estudo devido à relevância da temática da narrativa selecionada e da caracterização inovadora da personagem principal, a qual pode contribuir com a emancipação de jovens leitores.

Tendo em vista essas considerações, definimos como objetivo central deste estudo examinar a representação da trajetória da protagonista do citado romance de Cárdenas. Também visamos identificar e discutir as manifestações racistas presentes na narrativa, bem como as estratégias de superação adotadas pela protagonista para alcançar a sua conscientização e emancipação. Além disso, pretendemos realçar a literatura escrita por autoras afrodescendentes latino-americanas contemporâneas e suas contribuições para o enegrecimento do cânone literário e para o combate ao racismo.

O presente trabalho está dividido em três tópicos, ademais da Introdução e das Considerações finais. Inicialmente, apresentamos a escritora, sua obra e as marcas de sua escritura. Em seguida, refletimos sobre a relação entre a produção literária de mulheres negras na América Latina e a escrevivência. Por fim, examinamos *Cartas para a minha mãe*, particularmente, a representação da protagonista.

Entre os nossos referenciais teóricos destacam-se Cândido (2014), Almeida (2018), Eva-

risto (2005; 2020), Figueiredo (2020), González (1984; 1988) e Munanga (2020).

A seguir nos debruçamos sobre a vida, a obra e o projeto escritural da autora afro-cubana.

Considerações sobre Teresa Cárdenas e sua literatura emancipatória

Teresa Cárdenas Angulo nasceu na cidade de Matanzas, norte de Cuba, em 1970. Atualmente, vive em Havana e integra a *Unión de Escritores y Artistas de Cuba*. Além de escrever literatura, transitando tanto pela narrativa quanto pela poesia, atua como roteirista, atriz, bailarina e assistente social. Iniciou sua incursão na Literatura Infantil e Juvenil no final da década de 1990, lançando romances e coletâneas de contos que receberam diversos prêmios, dentre os quais se sobressai o prestigioso *Casa de las Américas* por *Perro viejo* (2005).

Sua obra está publicada em distintos países, tais como Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França e Coreia do Sul, dentre outros. No Brasil, identificamos a publicação em língua portuguesa de seis livros da autora cubana. São eles: *Awon Baba* (2022), *Memória de mim* (2021), *Mãe Sereia* (2018), *Contos de Olófi* (2017), *Cachorro Velho* (2010) e *Cartas para a Minha Mãe* (2010). A escritora ainda lançou as seguintes ficções em espanhol: *Ikú* (2007); *Echú y el Viento* (2006); *Tatanene Cimarrón* (2006); *Pedrito y el Bebé* (2006); *El Rey Ratón* (2003); *Cuentos de Macucupé* (2001) e *Oloyu* (2000).

Em uma entrevista concedida para a revista *Nonada* em 2018, a autora declarou que “Eu gosto de me ver como a *griot* de minha família, a que conta o que outros esquecem ou não conhecem. A depositária de todos os princípios e finais, de todas as histórias. Se isso significa ser escritora, então eu sou.” (CÁRDENAS, 2018, n.p.). É relevante esclarecer que, na tradição cultural da África Ocidental, os griôs são os responsáveis por preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos de seu grupo. Assim, ao definir-se como *griot*, a autora explicita sua aproximação com a cultura africana, a qual pretende

revalorizar por meio de seus livros. Também opina que

Eu acho que um escritor pode escrever sobre qualquer assunto para crianças e jovens, se ele os trata de jeito certo. É necessário abordar diferentes temas, também os espinhosos, na literatura escrita para essas idades. Não parece um pouco hipócrita que se espantem quando aparecem situações difíceis em um livro, enquanto na vida real as crianças experimentam atrocidades diariamente, diante dos olhos do mundo e ninguém se escandaliza, e o que é pior, não fazem nada? (CÁRDENAS, 2018, n.p.)

Esta declaração sinaliza as razões do sucesso de suas obras, uma vez que a escritora se debruça de forma criativa sobre temas considerados difíceis no âmbito da literatura infantojuvenil, conectando-se com os interesses dos jovens leitores contemporâneos. Concordamos com o seu questionamento sobre a hipocrisia de alguns críticos e/ou educadores que se indignam com assuntos complexos que aparecem em suas obras, mas que “ignoram” que estas questões fazem parte do cotidiano de muitos garotos e garotas latino-americanos.

Atualmente, Cárdenas obteve um significativo reconhecimento no âmbito da literatura infantojuvenil. Entre outras conquistas, além dos prêmios citados, podemos elencar sua inclusão no *Gran Diccionario de autores latinoamericanos de Literatura Infantil y juvenil* (2010), coordenado por Jaime García Padrino. Neste livro, a escritora é caracterizada como a criadora de um universo próprio e singular, no qual apresenta um rol de protagonistas negros(as) e preserva a cultura africana que considera uma parte inseparável da identidade cubana. Sobre estas características de sua produção literária, explica que

Quero que vejam um rosto negro, uma família como a delas, que se identifiquem com um protagonista que se parece com elas. Anseio que conheçam a história de seu povo e se sintam orgulhosas da África e de suas raízes milenares. (CÁRDENAS, 2021, p. 27)

O fragmento evidencia dois eixos que marcam a sua escritura: a representatividade de personagens negros(as) e a revalorização da cul-

tura afro-cubana. A autora sustenta que “Abordar questões raciais, combater a discriminação e a violência, resguardar a memória de quem veio antes de nós por meio de meus personagens e histórias, de minha poesia, foi e sempre será o essencial para mim.” (CÁRDENAS, 2021, p. 27). Esta declaração explicita o seu compromisso com a produção de uma literatura que pretende contribuir com a emancipação de seus leitores e preservar a cultura afro-cubana, trazendo à tona temas que afetam a juventude negra na contemporaneidade. Nesse sentido, sua escritura pode ser aproximada da concepção atual de negritude.

Em *Negritude: usos e sentidos* (2020, p.19), Kabengele Munanga afirma que entre os atuais problemas dos negros encontram-se “[...] a alienação de seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequentemente sua ‘inferiorização’ e baixa estima; a falta de conscientização histórica, etc.” Para o estudioso, essa situação só será superada através da recuperação de sua identidade, a qual “[...] começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.” (MUNANGA, 2020, p.19).

Segundo Munanga (2020, p.19), na atualidade “diasporana,” “A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do ‘branco’ reuniu sob o nome de negros.” O crítico ainda sustenta que a solidariedade e a fraternidade devem ser as armas adotadas nesse combate, pois

[...] para as mulheres e os homens descendentes de africanos no Brasil e em outros países do mundo cujas plenas revalorização e aceitação da sua herança africana faz parte do processo de resgate de sua identidade coletiva, a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema em atualidade. (MUNANGA, 2020, p.19).

A partir destas ponderações, compreendemos o termo negritude como a positivação

da identidade negra e, conseqüentemente, das culturas africanas e afro-diaspóricas. Constatamos que este tema está presente na escritura de Cárdenas, a qual apresenta um grande potencial emancipador não só para os jovens negros, mas para todos os leitores que terão a oportunidade de libertarem-se de possíveis preconceitos ao terem contato com a cultura afro-cubana e a negritude através de seus livros. Para a escritora: “A África é uma das raízes primordiais da nossa identidade como nação. Cuba não é Cuba sem a África e toda a cultura e resistência que as pessoas negras originaram.” (CÁRDENAS, 2021, p. 23). Acrescenta que

Sou a mulher negra que se redescobriu escrevendo, preparando o caminho para quem vier depois. Meu objetivo é instruir a juventude, orientá-la na tolerância, na aceitação de si e dos outros e também na resistência e na luta contra qualquer tipo de discriminação e violência. Em suma, eu simplesmente desejo que meus livros contribuam para que as novas gerações sejam de pessoas melhores e mais felizes. (CÁRDENAS, 2021, p. 27).

A declaração exhibe o seu projeto de construir uma literatura que emancipe os seus leitores, ajudando-os a se libertarem de ideias e atitudes preconceituosas, humanizando-os. Antonio Candido (2014, p. 29) define a humanização como

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a sociedade, o semelhante.

Nessa ótica, consideramos que a literatura de Cárdenas apresenta um grande potencial humanizador e, portanto, pode ser vista como emancipatória. Assim, interessa-nos assinalar que Regina Zilberman (1985), em *A literatura infantil na escola*, analisa as narrativas in-

fantis produzidas no Brasil desde o início do século até a contemporaneidade e propõe três modelos teóricos para examinar as relações entre os personagens infantis e os adultos: o eufórico, o crítico e o emancipatório. No primeiro, agrupa as histórias que privilegiam os valores da existência doméstica, encerrando nela as personagens infantis. Já no modelo crítico engloba as narrativas que não mostram a família como um ambiente paradisíaco, perfeito para a plena realização da criança, mas como uma instituição social em profunda crise. Por sua vez, o modelo emancipatório abarca as obras nas quais os(as) escritores(as) recusam a intermediação dos pais na relação entre a criança e a realidade, colocando seus heróis numa posição de autonomia em relação a uma instância superior e dominadora.

Zilberman (1985) ainda explica que nas narrativas relacionadas ao modelo emancipatório, as personagens infantis com frequência se libertam do restrito espaço familiar e experimentam novos contextos. A estudiosa também assinala que neste paradigma a criança assume o papel de agente na família, buscando a solução dos problemas que a afligem. Verificamos que estas marcas estão presentes em *Cartas para minha mãe*, embora não seja uma obra brasileira.

Consideramos que é produtivo ler a narrativa de Cárdenas tendo como base esta perspectiva teórica, uma vez que a autora é latino-americana e, portanto, é possível aproximar as literaturas brasileira e cubana. Além disso, julgamos relevante inseri-la na galeria de autoras afro-latino-americanas contemporâneas e interpretar sua obra a partir da concepção de escrevivência, conforme discutiremos no próximo tópico.

Reflexões sobre a escritura de mulheres afro-latino-americanas contemporâneas e o conceito de escrevivência

Liliam Ramos da Silva (2018, p.119), em “Decolonizando saberes: conceitos de literatura latino-americana de autoria negra” (2018), postula que

[...] é possível constituir uma literatura afrolatino-americana – e aqui incluímos o Brasil – através dos diálogos textuais entre autoras e autores negros de diferentes países a partir da aceitação e constituição de uma literatura que se identifica por suas temáticas propostas com base na ferida colonial ainda ostensiva nas comunidades negras.

Concordamos com esta concepção da estudiosa, pois percebemos que atualmente algumas autoras negras estão se destacando no âmbito da literatura afro-latino-americana com a problematização dos mencionados temas, proporcionando produtivos diálogos literários. Dentre elas, podemos citar Conceição Evaristo, no Brasil, e Teresa Cárdenas, em Cuba. Ambas as escritoras construíram um projeto escritural que está conectado com a preservação da cultura africana e apresenta os(as) personagens negros(as) de distintas perspectivas, particularmente, as mulheres. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas e receberam várias premiações, sendo bem avaliadas por críticos e leitores. Também participam de significativos eventos da área de literatura e alguns de seus livros estão disponíveis no PNLD Literário. Desse modo, suas ficções atingem públicos diferenciados.

Infelizmente, este merecido reconhecimento ainda é uma exceção no âmbito da produção literária de autoria feminina de nosso continente, particularmente, no que se refere à literatura de mulheres negras. Em “História literária, cânone e crítica feminista”, Eurídice Figueiredo (2020, p.85) assinala que “O cânone ocidental se constitui, fundamentalmente, de obras de homens brancos, europeus e norte-americanos.” Contudo, a estudiosa registra que houve significativos avanços gerados pela crítica feminista, mas enfatiza que

Só nos últimos anos se pode constatar um florescimento da produção de mulheres, inclusive cada vez mais intensa de mulheres negras, embora a grande maioria ainda seja constituída de mulheres brancas, de classe média e altamente escolarizadas. Apesar dessa proliferação, sua presença ainda é limitada em antologias, cursos de escrita criativa, grandes prêmios literários, festas literárias, bienais, listas de obras lidas na

escola, no Enem ou nos vestibulares. (FIGUEIREDO, 2020, p.88)

Verificamos que na esfera latino-americana, a produção literária de mulheres afrodescendentes conquistou um espaço relevante nas últimas décadas. Muitas obras escritas por mulheres negras estão sendo estudadas na academia, recebem prêmios e são traduzidas para outros idiomas. Além disso, a divulgação da literatura afrodescendente de autoria feminina está obtendo uma relevante visibilidade através da internet. No Brasil, destacamos o portal *Literafro* e em Cuba, o site *Diresctorio afrocubanas*, os quais possibilitam que os leitores conheçam diversas autoras negras. Assim, paulatinamente, a literatura de nosso continente está “enegrecendo”.

Atualmente, além de sobressalentes produções literárias, várias escritoras afrodescendentes atuam na esfera da crítica, construindo novas possibilidades de interpretar a escritura de mulheres negras. Uma delas é Conceição Evaristo. Entre seus textos, merece destaque o artigo “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, no qual Evaristo (2005, p.53) assinala que

[...] a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Embora suas percepções se refiram à literatura brasileira, também identificamos essa representação limitada da mulher negra em nossas leituras de diversos textos literários latino-americanos. Felizmente, Evaristo (2005) assinala a existência de uma vertente escritural adotada por autoras afrodescendentes que desconstrói a visão estereotipada das mulheres negras na nossa literatura. Desse modo,

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no cor-

pus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abraça todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p.53)

A citação evidencia uma importante transformação da imagem das mulheres afrodescendentes na literatura contemporânea, visto que elas deixam de ser objetos e passam a ser sujeitos ao exercerem o seu direito à escritura, contando suas histórias desde sua perspectiva e possibilitando novas representações de si e de seu povo. Dessa maneira, as autoras “[...] buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder.” (EVARISTO, 2005, p.54). Nessa perspectiva,

[...] os textos das escritoras afrodescendentes se inscrevem no proposto por Homi Bhabha (1998, p.321) acerca da poesia do colonizado. Para ele, o discurso poético do colonizado, não só encena o “direito de significar”, como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo. (EVARISTO, 2005, p.54)

O fragmento conecta as escrituras destas autoras às propostas do pensamento decolonial, pois elas convertem-se em sujeitos criadores de novos mundos e de outras (auto) representações dos povos negros, desconstruindo valores dominantes. Evaristo (2005) denomina a escritura recente de mulheres negras de escre (vivência) e alega que esta vertente renova a literatura brasileira tanto no plano de conteúdo quanto no de autoria. Para a pesquisadora, a citada inovação está “[...] profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas.” (EVARISTO,

2005, p.54). Em suma, a partir de sua condição de mulher negra, transformam suas experiências em palavras e disputam o cenário literário.

Para Silva (2018, p.129), a escrevivência,

[...] torna-se uma prática decolonizadora na medida em que surge da reivindicação de uma mulher negra que mesmo com experiências de fome e miséria consegue desenvolver a sensibilidade leitora e escritora e percebe a literatura como um espaço de resgate memorial, de expressão e denúncia.

De acordo com a pesquisadora, este conceito é um dos caminhos para analisar a literatura afro-latino-americana. Explica que as escrevivências manifestam-se tanto em poemas narrativos quanto em textos em prosas, pois

Configuram-se em escritas do eu, apresentando traços autobiográficos de autores negros que experienciaram situações de pobreza e violência e que promovem narrativas traumáticas sublimadas em forma de textos memorialísticos. Os autores aproveitaram o espaço proporcionado pela literatura para desenvolver em seus textos uma crítica social pautada na discriminação e no racismo vigentes em seus países de origem, confirmando que os discursos de igualdade e democracia racial não passam de tentativas de mascarar a continuidade da opressão às comunidades negras. (SILVA, 2018, p.119)

Nessa perspectiva, a escritura atual das autoras afrodescendentes teria o papel de contribuir com a emancipação do povo negro de nosso continente, bem como com sua (re) educação e formação identitária. Em “A escrevivência e seus subtextos”, Evaristo (2020, p.30) considera que o termo é um fenômeno diaspórico e universal, apontando que, em sua concepção inicial, se refere ao “[...] ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.” A escritora resalta que

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2020, p.30)

Nesse sentido, a escrevivência objetiva não só denunciar as injustiças que marcaram a história e a vida dos povos negros, mas também apropriar-se da escrita como um direito de todos e uma estratégia de conscientização. Em suma,

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. (EVARISTO, 2020, p.30)

Consideramos que esta declaração aproxima as obras de Evaristo e de Cárdenas, as quais podem ser lidas a partir do conceito de escrevivência. Afinal, ambas escrevem sobre suas experiências como mulheres negras, contribuindo com a valorização das culturas afro. Ao refletir sobre a escrita de sua primeira narrativa, a autora cubana revela que como leitora nunca encontrou as garotas negras que se pareciam com ela e registra que

Nas páginas dos livros, os personagens enrubesciam, seus cabelos flutuavam com a brisa, seus olhos azuis ou verdes reproduziam a cor do mar e do céu. Mas meu rosto preto, meu cabelo crespo, meus lábios carnudos estavam totalmente ausentes. Então soube para onde devia me encaminhar. Tudo o que vivia, minha própria dor por sofrer racismo. Lembrei-me de que aos seis anos, na minha escola, enquanto aprendia a ler e escrever, também aprendi o que era discriminação. Não sabia como lidar com toda

aquela violência. Então pensei que milhares de meninas e jovens negras estariam passando pela mesma coisa que passei em minha infância.

Senti que precisava fazer algo. Oferecer apoio, informações, ferramentas, contribuir com minhas histórias e personagens na luta contra a invisibilidade da família negra nos livros, principalmente naqueles dedicados às gerações mais jovens. (CARDENAS, 2021, p.22)

O fragmento sinaliza a proposta da escritora de transformar suas experiências em escrevivências e colaborar com a ampliação do protagonismo de personagens negros na literatura latino-americana. Assim, a autora problematiza o cânone literário de nosso continente.

Como vimos em suas declarações, o racismo é um tema que marcou sua trajetória e aparece com frequência em sua escritura. Por isso, será uma das chaves de leitura de *Cartas para a minha mãe*, a qual desenvolvemos na próxima parte deste estudo.

As escrevivências de uma garota negra: racismo e negritude

Em uma recente entrevista ao jornal *Estado de Minas*, intitulada “Cubana Teresa Cárdenas elogia visibilidade dos negros e mulheres na Flip”, a autora registra a expressiva participação de autores(as) afrodescendentes na Festa Literária Internacional de Paraty (2022). Evidentemente trata-se de um acontecimento que merece ser celebrado, mas que desvela que a presença de escritores(as) negros (as) na esfera literária até agora é incomum.

Na referida entrevista, a escritora também recordou que o Brasil e o seu país foram os últimos do continente a dar liberdade aos escravizados, afirmando que “O racismo ainda é uma luta em Cuba, mesmo com o processo revolucionário de igualitarismo.” (CÁRDENAS, 2022, n.p.) Em sua opinião, “Ainda que haja política de governo para lutar contra essas coisas, sinto que não se deixa que o povo preto se una o suficiente. É muito difícil e doloroso que, 130 anos depois, ainda estejamos sofrendo as consequências da escravidão.” (CÁRDENAS, 2022, n.p.). Concordamos plenamente com a

autora, pois verificamos que até hoje no Brasil é preciso combater os resquícios de mentalidade e de atitudes escravocratas que impedem o pleno desenvolvimento dos afrodescendentes. Ademais, compreendemos que o racismo é uma carga na consolidação da democracia não só dos dois países citados, mas também de outras nações, e precisa ser combatido através de diversas frentes.

Atualmente, vários estudiosos dedicam-se ao tema. Dentre eles, destaca-se Sílvia Almeida, o qual historicizou e sistematizou este assunto no livro *Racismo Estrutural* (2008). Para o crítico,

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é a regra e não a exceção [...] (ALMEIDA, 2018, p.38)

Outra autora que investigou o tema foi Lélia González. Entre seus escritos sobressai-se o artigo “Por um feminismo afro-latino-americano” (1988). Neste texto, a escritora recupera a história da fundação das nações de nosso continente que foram colonizadas pelos portugueses e espanhóis. Segundo a intelectual, os ibéricos estabeleceram sociedades extremamente hierarquizadas, cuja estrutura foi reproduzida na América Latina. Explica que

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de

“limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a conseqüente negação da própria raça e da própria cultura. (GONZALEZ, 2020, p.42).

A estudiosa assinala que os efeitos do racismo são mais acentuados nas mulheres negras, as quais, constantemente, são vítimas de uma dupla violência: racial e sexual. Também aponta que

[...] nós mulheres e não brancas fomos “faladas”, definidas e classificadas por um sistema ideológico de dominação que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior no interior da sua hierarquia (apoiadas nas nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade justamente porque nos nega o direito de sermos sujeitos não só do nosso próprio discurso, como da nossa própria história. É desnecessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao sistema patriarcal-racista. (GONZÁLEZ, 2020, p.34)

Como vimos, esta representação social preconceituosa da mulher negra também se reflete no âmbito literário. Afinal, na literatura canônica latino-americana, podemos identificar personagens femininas afrodescendentes que foram caracterizadas como desprovidas de inteligência e tratadas como objetos sexuais. Além disso, é importante assinalar que

[...] a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e portanto perigosas. (EVARISTO, 2005, p.53)

Vale a pena ressaltar que esta forma estereotipada de construção das personagens afrodescendentes só começou a se transformar significativamente através da escrevivência de autoras negras. Assim, elas assumiram a palavra e se auto representaram, contando suas histórias e as de seu povo desde sua perspecti-

va, possibilitando novas imagens de si e de seu grupo étnico através de suas vozes. A partir destas considerações, verificaremos como o racismo foi representado em *Cartas para a Minha Mãe* (1997), particularmente, na trajetória da protagonista, uma garota negra.

O romance está estruturado em 49 cartas destinadas à mãe falecida da narradora-personagem, a qual não possui nome. Nestas epístolas, a protagonista descreve os conflitos com a avó, a tia e as primas, bem como os problemas que enfrenta na escola. Também relata o seu relacionamento amoroso com Roberto e o apoio que recebe de duas mulheres: Menú e a professora Sílvia. Entendemos que esta rede de solidariedade e a escrita ajudam a menina a resistir às adversidades e a (re)conhecer sua negritude.

Em sua primeira carta, a garota expressa incompreensão pela partida repentina de sua mãe, revelando sua solidão e desamparo: “Nunca contei a ninguém quanta falta sinto de você. E não aguento mais tanto silêncio. Vou começar a lhe escrever...” (CÁRDENAS, 2010, p.8). Dessa forma, notamos que a escrita de missivas foi essencial para ela sobreviver ao luto pela mãe e ao abandono afetivo de sua família.

Sobre a turma da escola mostra suas singularidades: “Sou a menina mais alta e mais preta da sala. Talvez a mais triste também.” (CÁRDENAS, 2010, p.11). Registra ainda as atitudes de Sara, uma garota de pele clara que sente vergonha da cor da pele de seu pai, comparado ao carpinteiro Pedro. Reflete que “Acho que, de todos nós, a mais infeliz é Sara.” (CÁRDENAS, 2010, p.11). Os fragmentos evidenciam que a jovem percebe a atitude racista da colega com o próprio genitor e como esse comportamento a afeta, causando-lhe infelicidade.

A protagonista também narra as manifestações racistas identificadas em sua família, formada por mulheres negras, as quais, paradoxalmente, não reconhecem a sua negritude. O caso da avó é exemplar, pois em uma ocasião a personagem

[...] diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente

é casar com um branco. Ela quer trabalhar como empregada na casa de uma família branca. E embora titia proteste, dizendo que isso é coisa do passado, ela insiste que não sabe fazer outra coisa. (CÁRDENAS, 2010, p.13).

O fragmento mostra as opiniões preconceituosas da avó, uma explicitação da ideologia do branqueamento, exposta anteriormente por González (2020), baseada na crença da superioridade da cultura ocidental branca em relação à cultura africana. Também evidencia um conflito entre duas gerações, dado que a tia considera ultrapassado o trabalho doméstico enquanto a avó acredita que suas habilidades de sobrevivência estão restritas a esta ocupação. Posteriormente, somos informados que

Ela trabalha para a família branca de que falei. Cozinha, lava, passa e tudo mais que aparece para fazer na casa deles. Se mata de tanto trabalhar, mas não reclama. Pelo contrário, fala maravilhas deles, embora lhe paguem um tiquinho de nada. (CÁRDENAS, 2010, p.30).

Esta passagem revela como os resquícios da ideologia do branqueamento estão internalizados na mentalidade da personagem, a qual não percebe que é explorada. Também notamos que a avó deseja que a neta siga os seus passos, conforme verificamos no seguinte fragmento: “Vovó está brava comigo. Quer que eu lave a roupa da casa onde ela trabalha. Diz que assim aprendo a fazer alguma coisa de útil e ajudar com o dinheiro que ganhar. Já falou com eles e tudo.” (CÁRDENAS, 2010, p.35). Porém, a garota recusa a oferta categoricamente: “Não quero. Não quero ser doméstica.” (CÁRDENAS, 2010, p.35).

Ao refutar os valores da avó e o trabalho de doméstica, a protagonista assume a condição de sujeito de sua própria história. Em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, González (1984, p.230) discute os trabalhos destinados às mulheres negras e afirma que “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega suas famílias e a dos outros nas costas.” Nessa

ótica, trata-se de um trabalho análogo ao da escravidão, visto que é mal remunerado e exige muito esforço físico. Assim, a atitude aparentemente rebelde da protagonista desvela um significativo problema que marcou a história afro-diaspórica de muitas mulheres negras na América Latina.

Contudo, embora consiga evitar trabalhar como doméstica para estranhos, torna-se responsável por limpar e cozinhar na casa de seus familiares, pois “É uma forma de ganhar a comida que elas me dão. É o que titia diz. Mas acho que é a mesma coisa que se trabalhasse para ‘os senhores’.” (CÁRDENAS, 2010, p.35). Desse modo, o trabalho infantil é problematizado nas duas situações descritas, visto que a menina tem apenas 10 anos no início da narrativa e realiza as mencionadas atividades domésticas. A citação também desvela a crueldade e a pobreza da família que cobra o acolhimento dado à órfã por meio da realização de um serviço externo ou interno.

Apesar de tentar se aproximar da tia e das primas, a garota é constantemente discriminada: “[...] todos me chamam de beijuda nessa casa onde eu não queria morar.” (CÁRDENAS, 2010, p.16). Sua declaração mostra o racismo de suas parentes, bem como a sua ausência de autonomia para decidir onde viver após a perda de sua mãe. Nesse contexto, deseja

[...] um céu em que as avós sejam boas e distribuam doces entre seus netos. Onde ninguém maltrate as crianças, nem as obrigue a fazer coisas que não gostam. Um céu onde ninguém me chame de beijuda nem de feia e onde eu não me sinta sozinha. (CÁRDENAS, 2010, p.82).

Este trecho indica a discriminação sofrida pela personagem devido à desvalorização de seus atributos físicos. Também questiona a falta de direitos básicos que qualquer criança deveria ter garantido. Aliás, em seu relato, a protagonista ainda registra os castigos físicos que recebia da avó quando entrava em conflito com as primas Lilita e Niña. Em uma ocasião, declara que “[...] a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos.” (CÁRDENAS, 2010, p.82). Nesta citação,

ela estabelece conexões entre a situação dos negros escravizados e o seu cotidiano violento.

Devido ao abandono afetivo familiar, a garota busca referências positivas no passado, comparando-se com sua mãe por meio de um pedaço de espelho que encontrou na rua. A personagem informa que “Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca... Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais.” (CÁRDENAS, 2010, p.19) Assim, ela (re)descobre a sua negritude e valoriza os seus atributos físicos. Também critica as atitudes racistas que vivenciou: “Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beirão. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra.” (CÁRDENAS, 2010, p.19)

A protagonista ainda ironiza o ideal de beleza da branquitude: “Como acha que eu ficaria com olhos azuis, narizinho fino e a boca feito uma linha? Horrerosa, não é verdade?” (CÁRDENAS, 2010, p.19). Explica que “Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas.” (CÁRDENAS, 2010, p.20). Sua atitude contrasta com a de Niña que gosta de colocar uma toalha na cabeça e andar de um lado para o outro cantarolando: “Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso!” (CÁRDENAS, 2010, p.20). Diante desta cena, a garota declara que sente vontade de rir, misturada com raiva, concluindo que “Algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas.” (CÁRDENAS, 2010, p.20). Observamos que a personagem possui um agudo senso crítico e que a (re)valorização de sua negritude se contrapõe à negação da identidade negra de suas primas Niña e Sara.

É importante frisar que a passagem da infância para a adolescência da protagonista está simbolizada no momento de sua primeira menstruação quando descobre o sangue entre suas pernas e se assusta. A tia explica que todas as mulheres passam por isso e que agora ela é uma mocinha. Além disso, registra a reação de sua avó diante desta notícia: “Vovó disse que, a partir desse momento, elas têm que manter os olhos em cima de mim para eu não

acabar grávida.” (CÁRDENAS, 2010, p.41). Desse modo, um acontecimento que deveria ser visto como normal na vida de uma mulher torna-se traumático e motiva a vigilância de seu comportamento.

Para escapar desse entorno familiar opressivo, a garota visita frequentemente Menú, uma velhinha que cuidava das plantas. Trata-se de uma relação colaborativa, pois enquanto ela ajuda-a com algumas tarefas, a senhora apresenta-lhe a cultura afro-cubana. Por exemplo, um dia explicou-lhe que

[...] o Deus dos negros se chamava Olofi, mas é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca nele a cor e o nome que tiver vontade. E disse que Deus fez os homens de todas as cores porque ele é como as crianças, que não gostam de coisas iguais, que as deixam entediadas. (CÁRDENAS, 2010, p.65).

Ali trava amizade com Roberto, um “branquinho” que estudava em sua escola e que se torna seu namorado. Com ele experimenta o afeto e a discriminação, conforme verificamos no seguinte fragmento “[...] quando Roberto e eu passeamos, não gosto de dar a mão para ele, porque muita gente fica olhando como se estivesse vendo alguma coisa muito estranha.” (CÁRDENAS, 2010, p.87). No entanto, logo os dois superam o preconceito de formarem um casal interracial e assumem publicamente o seu relacionamento. Quando a garota se liberta de seus próprios preconceitos, declara que “Foi então que descobri que, quando gostamos de alguém, a cor da pele não tem importância. E, além do mais, é mais bonito dizer Roberto que “o branquinho.” (CÁRDENAS, 2010, p.88)

Outro apoio fundamental para o desenvolvimento intelectual da protagonista é a professora Silvia, a qual “[...] está sempre sorrindo. Gostaria de ser como ela. É muito boa, explica as coisas várias vezes, até todo mundo entender. Segundo ela, sou inteligente, por isso vou ser alguém na vida.” (CÁRDENAS, 2010, p.59-60). Inferimos que a educadora ao elogiar sua inteligência contribuiu para a recuperação de sua autoestima que ficou fragilizada devido a relação familiar conflituosa, proporcionando-lhe esperanças de uma vida melhor.

Esta tríade de solidariedade contribui com o amadurecimento da jovem, a qual consegue estabelecer novos laços com a família. O momento da mudança dessas relações ocorre depois que a avó sofre um infarto e revela o motivo de ter maltratado a neta. Nesta ocasião, a protagonista descobre que é filha do pai de Lilita, o primeiro marido de sua tia. A partir desta revelação, ambas se unem para encontrá-lo e passam a conviver como irmãs.

O amadurecimento da garota leva-a a compreender melhor sua avó, descobrindo que ela também é uma vítima do racismo estrutural, pois não tinha consciência de sua negritude e de ser explorada. Entretanto, paradoxalmente, realizava ritos da cultura afro-cubana, tais como o descarrego e o santo, com naturalidade. A protagonista ainda reflete que

Nunca tinha pensado que vovó tivesse mãe, pai ou avó. Ou que, quando era criança, gostasse de fazer isso ou aquilo. Quando a conheci, já era mal-humorada, com a mão pesada. Parece que vovó nasceu velha e amarga, com pouco carinho. (CÁRDENAS, 2010, p.53).

Ao colocar-se no lugar da avó e pensar em suas ancestrais, a neta humaniza-a, inferindo que, provavelmente, reproduziu com ela as situações violentas que vivenciou em sua infância. Dessa maneira, acreditamos que se trata de um ciclo de violência que precisa ser rompido.

No final da narrativa, a personagem revela seus planos para o futuro:

[...] o tempo passou e não por gosto meu. Já tenho quinze anos. Dei uma esticada bem grande. [...] Cada dia pareço mais com você, segundo vovó. Quero estudar para ser professora, mas Lilita diz que é melhor eu ser cabeleireira, porque minhas mãos são mágicas. A única coisa que sei é que adoro ensinar às crianças. Ver o modo como elas aprendem coisas que nunca mais esquecerão. Saber que, no futuro, lembrarão de mim, de sua professora. Assim como me lembro agora de Silvia, da minha querida Silvia. (CÁRDENAS, 2010, p. 102-103)

Sua declaração evidencia como o acesso à educação e, principalmente, a abordagem da professora, Silvia ajudaram-na a construir um

projeto de vida próprio, rompendo com a expectativa da avó de torná-la uma empregada doméstica. Cabe frisar que, historicamente, a referida atividade foi considerada um “destino natural” para as mulheres negras latino-americanas, marcado pela falta de reconhecimento, trabalhos pesados e baixa remuneração. Assim, por meio do contraste entre a caracterização das duas personagens são estabelecidas significativas diferenças entre as gerações que elas representam. Afinal, enquanto a avó internalizou a ideologia do branqueamento, a neta recusou os valores racistas, (re)valorizando sua negritude e construindo sua própria história.

Considerações Finais

Na introdução deste estudo anunciamos como nosso objetivo principal o exame da trajetória da protagonista de *Cartas para minha mãe*. Para alcançar esta meta, inicialmente, nos debruçamos sobre o projeto literário de Teresa Cárdenas, apresentando a autora e sua obra. Evidenciamos que a escritora conquistou um lugar de destaque na literatura infantil latino-americana contemporânea. Também assinalamos que sua produção literária possui duas marcas inovadoras: o protagonismo de personagens negros(as) e a valorização da cultura afro-cubana. Dessa maneira, sua escritura está conectada com o conceito de negritude, exposto por Munanga (2020), e a autora pode ser vista como uma griô.

Na sequência, discutimos a relação entre a literatura de Cárdenas e as obras de autoras afro-latino-americanas. Percebemos que a escritora pode ser inserida no grupo de mulheres negras contemporâneas que está desestabilizando o cânone literário de nosso continente e promovendo o pensamento decolonial. Também postulamos que é possível ler *Cartas para a minha mãe* a partir do conceito de escrevivência, proposto por Evaristo (2005), ressignificando a tradicional representação de personagens femininas afrodescendentes.

Em nossa leitura da mencionada ficção, constatamos que a protagonista foi caracterizada como uma jovem inteligente, crítica, sensível e bonita, diferenciando-se das imagens estereotipadas das mulheres negras que ainda identifi-

camos em algumas obras literárias atuais. Assim, a autora valoriza a negritude da garota, apresentando novos modelos identitários para o público leitor. Além disso, entendemos que o fato de ela não ter nome, sinaliza a universalidade de sua condição de jovem negra, favorecendo a identificação de leitores(as), particularmente, as mulheres afrodescendentes, com as suas experiências.

Notamos que o desenvolvimento da personagem na narrativa está conectado com o seu processo de crescimento e amadurecimento. Vale a pena recordar que ela escreveu sua primeira carta quando tinha dez anos enquanto a última foi produzida aos quinze. Dessa forma, as cartas podem ser vistas como o registro de suas vivências tanto de sua infância quanto de sua adolescência. Nessa perspectiva, sua trajetória mostra a superação dos traumas da perda de sua mãe e de sua conflituosa convivência com os familiares. Também evidencia o processo de autoconscientização de sua condição de mulher negra e as suas estratégias de enfrentamento do racismo.

Verificamos que a humanidade da protagonista é enfatizada na narrativa, pois sua caracterização apresenta os atributos expostos por Candido (2014), destacando a sua capacidade de reflexão e de humor. Dentre suas denúncias, nos interessa enfatizar a presença do racismo nas relações familiares, bem como os resquícios da escravidão na mentalidade e nas atitudes da avó. O racismo também foi questionado na exposição do preconceito sobre a relação interracial entre a garota e Roberto, problematizando o mito da igualdade racial, não só em Cuba, mas também em nosso país e em outras nações latino-americanas.

Vimos que a garota adotou várias estratégias para superar as adversidades até alcançar a sua conscientização e emancipação. Uma delas foi a escrita de suas experiências. Outra foi a (re)descoberta de sua negritude. Também é relevante destacar sua libertação do espaço familiar, visto que frequentou outros lugares, tais como a escola e as casas de Menú e de Sílvia, construindo uma rede de apoio e conhecendo diferentes contextos. Além disso, a perda precoce de sua mãe, obrigou-a a desenvolver sua autonomia e a percepção da realidade.

Ademais, é importante registrar que a garota assumiu o papel de agente na família, buscando a solução dos problemas que a afligiam e reescrevendo a sua relação conflituosa com as parentes. Desse modo, passou a conviver bem com Lilita e razoavelmente com a avó, embora tenha permanecido distante da tia e de Niña.

Cabe frisar ainda que o seu amadurecimento é representado através da ampliação da sua visão de mundo, especialmente, quando tece críticas às manifestações racistas que vivenciou na escola e em casa, denunciando comportamentos preconceituosos de pessoas de seu entorno. Entendemos que esse nível de conscientização foi possível devido às suas escrevivências, as quais organizaram seus pensamentos e possibilitaram que ela desenvolvesse um olhar crítico para o seu cotidiano. Por essas razões, compreendemos que *Cartas para minha mãe* pode ser lida como uma obra emancipatória, conforme definição de Zilberman (1985).

Tendo em vista essas considerações, julgamos que a leitura da narrativa de Cárdenas pode contribuir com a emancipação de seus leitores. Nesse sentido, acreditamos que a aposta da autora de trazer à tona temas difíceis como o racismo a partir da história de uma jovem negra que supera o preconceito e (re)valoriza sua negritude é a chave do sucesso desta obra que continua atual e deve ser lida por leitores(as) de todas as idades. Esperamos que o “destino” de ser doméstica não assombre mais as garotas negras das novas gerações, as quais devem ter o direito de ser o que quiserem. Em suma, pensamos que a leitura de *Cartas para minha mãe* colabora com o enegrecimento do cânone literário latino-americano e com o combate ao racismo.

Referências

- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: LIMA, A. (Org.) *O direito à literatura*. Recife: UFPE, 2014.
- CÁRDENAS, T. *Cartas para a Minha Mãe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- CÁRDENAS, T. Afrocubana: identidade e memória através da escrita. In: AZEVEDO, L. M.

et. al. *Escritos negros: textos contemporâneos*. Porto Alegre: Tag, 2021.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, I. R. *Escrivivências: a escrita de nós: considerações sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. Da representação à autoapresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

FIGUEIREDO, E. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, São Paulo, 1984. p. 223- 244.

MENA, F. Cubana Teresa Cárdenas elogia visibilidade dos negros e mulheres na Flip. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/11/28/interna_cultura,1426501/cubana-teresa-cardenas-elogia-visibilidade-dos-negros-e-mulheres-na-flip.shtml. Acesso em: 04 abr. 2023.

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

PASKO, P. *Teresa Cárdenas: griot dos princípios e finais*. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2018/04/teresa-cardenas-griot-dos-principios-e-finais/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SILVA, L. R. Decolonizando saberes: conceitos de literatura latino-americana de autoria negra. In: TETTAMANZY, A. L. L.; SANTOS, C. M. (Orgs.) *Lugares de fala, lugares de escrita nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985.

COMO CITAR

MILREU, I.; NASCIMENTO, R. S. “Não quero ser doméstica”: uma leitura de *Cartas para a minha mãe*. *Revista Cerrados*, 32(61), p. 233–246. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i61.45878>